

CULTURA DA POBREZA: UMA ABORDAGEM CRÍTICA DA TEORIA

por
FERNANDO JORGE AFONSO DIOGO *

Résumé

La theorie de la culture de la pauvreté de Oscar Lewis a eu une grande influence dans les Sciences Sociales durant les années 60's.

Cette communication pretend expliquer les principaux points de cette theorie et ses critiques. Nous pretendons aussi comprendre le pourquoi des nombreuses critiques qui lui furent adressés.

Abstract

Oscar Lewis Culture of Poverty theory was a major influence in Social Sciences especially in the 60ths.

Even though this theory has been also a target of many critics. These critics say that Lewis produce a narrow view of the poverty production and reproduction.

This paper aims to list the major points in Oscar Lewis theory, their critics and also ententes to explain why it has been so criticized.

* Sociólogo, Assistente-estagiário da Universidade dos Açores.

Introdução

Foi a partir do trabalho de Oscar Lewis e da popularização das suas obras, sobretudo no início dos anos 60, que a teoria da cultura da pobreza se tornou dominante nas Ciências Sociais durante toda a década, especialmente nas correntes de investigação anglo-saxónicas.

Ao mesmo tempo, esta teoria deixou de ser algo exclusivo do campo das Ciências Sociais para se tornar um tema de discussão pública.

A saída desta teoria do campo restrito da ciência deve-se a duas razões fundamentais: por um lado, o estilo de escrita e o método de exposição escolhido (nas três obras referidas em primeiro lugar na página seguinte deste artigo). Estes livros caracterizam-se por pertencerem a um campo difuso entre a Antropologia e a ficção¹, pois as fontes que o autor usou são expostas aos leitores sem grandes comentários explicativos², mais em jeito de romance do que de monografia ou de qualquer outra forma científica. Estas fontes eram entrevistas aprofundadas de onde Lewis retirou as perguntas do entrevistador, retocando-as para lhes dar coerência interna e surgindo como histórias de vida coerentes em que o narrador é o próprio personagem central de cada uma delas. Por outro lado, a teoria da pobreza, ao centrar, como veremos, a explicação da pobreza nos sujeitos que a sofrem, vem dar, involuntariamente, suporte científico a uma ideia enraizada na mentalidade de classe média que atribui a culpa da pobreza aos pobres, assunto que abordaremos ao longo deste trabalho.

1 Ruweu Ogien - "Culture de la pauvreté: Oscar Lewis et sa critique", *Cahiers International de Sociologie*, vol. LXV, 1978, pp. 284/314, p. 288, §3/4.

2 Para mais pormenores sobre a metodologia utilizada por este autor consultar a síntese elaborada por Charles A. Valentine - *Culture and Poverty: Critique and Counter-Proposal*, Chicago e London, University of Chicago Press, 1970/72 (1ª ed. 1968), p. 49, §2/3.

Em 1959 surge a primeira das obras de Lewis com impacto alargado. Trata-se do livro *Five families: Mexican case studies in the culture of poverty*, New York, Basic Books. No entanto, é a partir do seu livro de 1961, *The children of Sanchez*, New York, Random House, que o seu trabalho mais se populariza. Finalmente, em 1966, publicou *La Vida: A Puerto Rican family in the culture of poverty*, New York, Random House que encerra o ciclo de obras de grande impacto. A nível estritamente científico é também importante referir o artigo de 1966 "Culture of poverty", *Scientific American*, nº 215, 4º, pp. 19/25³.

1. A teoria

Definições da cultura da pobreza

Uma distinção fundamental no modelo de Lewis, e que pode muito bem servir para o introduzir, é a que se opera entre pobreza material e cultura da pobreza. A primeira não implica necessariamente a segunda, pois um indivíduo pode ser pobre, em termos materiais, mas não ter o comportamento, ou os valores, típicos da cultura da pobreza (não sendo, em rigor, pobre e vice-versa).

É que, para os defensores desta teoria, a pobreza é mais do que um estado de privação económica, pois implica um conjunto de mecanismos de defesa que os pobres têm para conseguirem sobreviver e defender-se da dureza das suas condições de existência⁴. Estes mecanismos são transmitidos entre as gerações através da socialização, cristalizando-se em valores, em receitas de actuação face a situações similares e, por isso, em comportamentos típicos dos pobres.

Se estamos a falar de cultura da pobreza é necessário definir, com algum rigor, o que se entende por cultura. Para Valentine⁵ o conceito

3 Para uma bibliografia mais completa do trabalho de Lewis recomendamos a consulta de Charles A. Valentine, *ob. cit.*, p. 202.

4 Oscar Lewis - *Os Filhos de Sánchez*, Lisboa, Moraes, 1973, p. 25.

5 Charles A. Valentine, *ob. cit.*, p. 1, §2.

de cultura encerra três aspectos centrais, independentemente de qualquer definição: a) todas as sociedades possuem uma cultura organizada, ou seja, coerente e estruturada em vários aspectos (desde os universais a todos os seres humanos, como o casamento, até aos aspectos particulares de cada cultura concreta), b) a cultura é universal, no sentido que todas as sociedades e grupos humanos têm uma cultura ou culturas, c) o conceito de cultura é ainda um testemunho vivo da criatividade e engenho humanos. Após a enumeração destes aspectos prévios podemos definir cultura, muito simplesmente, como o modo de vida de um povo, ou de forma mais elaborada, como o conjunto de regras, valores e maneiras de ver, representar e fazer o mundo que são partilhadas por uma sociedade.

Características da cultura da pobreza

A cultura da pobreza, porém, não é independente das outras formas culturais existentes numa dada sociedade. É uma subcultura⁶ que partilha com as outras subculturas, existentes no espaço social constituído por uma sociedade, um conjunto de traços fundamentais que a todos se impõe (por exemplo uma Língua comum), dos quais alguns tomam formas particulares dentro de determinados grupos⁷. Assim, ao falar-se de cultura da pobreza não se refere um corpo estranho à sociedade, mas uma das formas que a cultura pode apresentar. No entanto, convém precisar que, para Lewis, a subcultura da pobreza define-se não em relação a cada sociedade mas em relação à sociedade ocidental, de tipo capitalista, como um todo, quer dizer, o significado atribuído à noção de subcultura que este autor

6 Segundo Dean Harper no seu artigo: "Culture de la pauvreté: concept utile ou inutile?" *Cahiers International de Sociologie*, vol. LIIV, 1972, pp. 289/295, p. 291, §5 uma subcultura é a cultura típica de um subgrupo, identificável dentro de uma sociedade mais vasta.

7 Um exemplo são as formas típicas de falar a mesma língua: palavras, expressões e frases favoritas, para não falar dos sotaques que é possível encontrar nos diferentes grupos sociais, sejam eles classes, grupos étnicos, regionais ou outros.

utiliza apresenta algumas diferenças em relação ao sentido corrente deste conceito em ciências sociais.

A característica basilar da cultura da pobreza é a transmissibilidade entre gerações através da socialização (primária) realizada com a criança por familiares e vizinhos. Assim, assiste-se a uma espécie de círculo vicioso em que a cultura da pobreza é herdada de geração em geração, pois os pais, ao transmitirem a sua subcultura através da socialização, estão a legar aos filhos um conjunto de traços culturais, económicos, sociais e psicológicos⁸ (abaixo referenciados) que concorrem decisivamente para conservar os seus filhos na pobreza⁹. Associada à transmissibilidade da cultura da pobreza está a sua relativa inelasticidade, ou seja, não basta que existam oportunidades para que os indivíduos possuidores desta forma cultural as aproveitem dado que o seu condicionamento não o permite. A existência de novas condições sociais, diferentes das anteriores, com mais oportunidades, não é suficiente para modificar as respostas dos indivíduos, fazendo-os aceder às novas oportunidades, dado que as formas anteriores se cristalizaram numa maneira de ver o mundo (e de agir sobre ele) que impõe inércia, ou inelasticidade, à sua própria mudança. Quer dizer, quando as condições que levaram a uma forma de ver o mundo desaparecem, essa forma de ver o mundo permanece estruturalmente semelhante, com poucas modificações.

A cultura da pobreza é uma adaptação às condições objectivas de existência, impostas pelo meio. Uma vez encontradas as soluções consideradas adequadas, estas são incorporadas na própria maneira de ser do indivíduo, de tal forma que é difícil transformá-las. Trata-se de uma característica crucial pois são estas soluções incorporadas no indivíduo e cristalizadas numa cultura que separam os pobres dos não pobres. Nesta acepção não basta, como referimos, ter privações materiais para ser pobre, é necessário ter a cultura da pobreza.

8 Estratégias de adaptação à escassez de recursos com que se defrontam.

9 Para uma melhor explicação desta posição de Lewis consulte-se Ruweu Ogien, 1978, *ob. cit.*, pp. 285 e 292, Dean Harper, *ob. cit.*, 1972, p. 423 e Hagith R. Shlonsky - "Continuity in Poverty Along Family Lines: A Reexamination of the Intergerational Cycle of Poverty", *Human Relations*, Vol. 37, nº 6, 1984, pp. 455/472, pp. 445/446.

Esta cultura é uma adaptação às condições de vida e ao meio, sendo, por isso, uma forma dinâmica e humana de tentar resolver os problemas candentes da sobrevivência física, social e familiar dos indivíduos, tendo, assim, uma importante dimensão positiva que o autor realça.

Uma terceira característica importante é a ambição de universalidade que Lewis coloca no seu trabalho, quando refere que certos traços da cultura da pobreza são universais, comuns a países, sociedades e habitats (urbano-rural) diferentes¹⁰. O que significa que a cultura da pobreza é uma subcultura, não dentro de cada sociedade concreta, mas dentro do corpo mais vasto que é a sociedade ocidental, com valores assentes em ideais capitalistas, liberais e individualistas expressos num contexto marcadamente urbano.

Lewis define a cultura da pobreza em setenta traços que vários autores agruparam num número substancialmente menor, de forma a tornar a sua discussão mais fácil e frutificante¹¹.

Assim, seguindo as indicações de Ogien, os principais traços da cultura da pobreza são:

a) as relações entre os pobres (portadores da cultura da pobreza) e a sociedade que se caracterizam pela desintegração social com um conjunto de indicadores tais como: a ausência de participação nas instituições mais importantes; a marginalidade ao sistema económico (rendimentos baixos e instáveis, desemprego, sub-emprego, ocupações desqualificadas); a ausência de participação em sindicatos operários e em partidos políticos; a ausência de benefícios médicos e outros serviços sociais¹² e até uma certa hostilidade para com as instituições e centros de poder da classe dominante;

b) as relações interpessoais ao nível comunitário, onde os pobres apresentam aspectos de desorganização social, Lewis vê-os como

uma massa de indivíduos vivendo promiscuamente, sem qualquer tipo de organização (para além da familiar) nas comunidades locais por eles constituídas (de que são exemplos as Vencidades - semelhantes aos "pátios" lisboetas ou às "ilhas" portuenses - descritas em *Os filhos de Sánchez*), reconhecendo-lhes, no entanto, um certo sentido territorial que os mantém juntos;

c) as relações interpessoais a nível familiar. Lewis constata a existência de um conjunto de traços particulares à cultura da pobreza como, por exemplo, a instabilidade dos casamentos, com abandono relativamente frequente da mulher e dos filhos (o que gera um número elevado de famílias monoparentais femininas), um número elevado de uniões livres, inexistência de uma infância protegida, iniciação precoce à vida sexual, predisposição ao autoritarismo e à violência nas relações intra-familiares e falta de intimidade dentro do lar;

d) ao nível do indivíduo os traços enunciados por Lewis prendem-se sobretudo com os sentimentos de inferioridade e resignação, tais como: a apatia, o fatalismo e a impotência¹³.

2. As críticas

Como crítica central, a cultura da pobreza foca a atenção mais nos aspectos que dependem do pobre, deixando de lado aspectos de exclusão social que são, até, mais importantes.

Apesar de toda a visão lógica da pobreza que esta teoria nos traz, poucas concepções científicas terão merecido tantas críticas, por parte de outros cientistas sociais, nomeadamente sociólogos, economistas e antropólogos.

A razão principal deste estado de coisas prende-se, quanto a nós, com a apropriação e vulgarização que o senso comum realizou da teoria de Lewis, que se deve, como referimos, a duas razões, em primeiro lugar, à facilidade de leitura que o estilo e método de escrita

10 Oscar Lewis - *Os Filhos de Sánchez...*, p. 26, § 2.

11 Charles A. Valentine, ob. cit., pp. 59 e 116/117, Jean Labbens - *Sociologie de la pauvreté - Le tiers monde et le quart monde*, Paris, Gallimard, 1978, p. 11 e Ruweu Ogien, 1978, ob. cit., pp. 289/291.

12 Esta última característica é, para quem está a lidar diariamente com os pobres na Segurança Social ou nos serviços de saúde, muito discutível, dado que existe um grande número de indivíduos que têm uma atitude reivindicativa perante estes serviços, desenvolvendo estratégias para tirar o maior benefício possível deles.

13 Todos estes traços se encontram descritos em pormenor no livro *La Vida: A Puerto Rican family in the culture of poverty*, New York, Random House, 1966.

de Lewis proporciona e, em segundo lugar, ao facto desta teoria ter fornecido um suporte científico à velha ideia de que a culpa da pobreza é dos pobres.

As versões da teoria da pobreza correntes no senso comum não estão abrangidas pelas regras que regulam a actividade científica e, por isso, não podem ser postas de lado após a sua refutação. Ao contrário, nos trabalhos realizados em ciência existe um conjunto de regras amplamente respeitadas que asseguram esse resultado. Assim, de uma forma quase regular, vêm a público trabalhos científicos cuja pretensão é contestar a teoria de Lewis, mas o que na realidade se está a contestar são as suas persistentes versões de senso comum.

Em termos estritamente científicos, a teoria da pobreza de Oscar Lewis já foi, como dissemos, posta de parte, e as razões estritamente científicas para se ter chegado a este desfecho são numerosas, como vimos no parágrafo anterior.

Assim, e sistematizando as críticas mais importantes, devemos referir que a principal reside no facto desta teoria se concentrar excessivamente sobre um dos aspectos da pobreza, o micro social (a nível da família e do indivíduo), procurando aí as causas quer da pobreza, quer da sua persistência intergeracional, quando as conclusões a que tem sido possível chegar, a nível internacional, e também em Portugal, é de que a pobreza radica sobretudo nos aspectos estruturais, macro-económicos e macro-sociais, em que os factores individuais têm pouca relevância, podendo apenas agravar ou atenuar as tendências anteriormente referidas¹⁴.

14 Veja-se, para Portugal, o trabalho da equipa de Manuela Silva e de Alfredo Bruto da Costa e, mais recentemente o trabalho da equipa de João Ferreira de Almeida: Alfredo Bruto da Costa; Manuela Silva; J. Percirinha; Madalena Matos - *A pobreza em Portugal*, Lisboa, Cáritas, 1985, p. 34; Manuela Silva - *A pobreza infantil em Portugal*, s.l., Comité português para a UNICEF, 1991 (d.l.), p. 1; João Ferreira de Almeida; Luís Capucha; António Firmino da Costa; Fernando Luís Machado; Isabel Nicolau e Elisabeth Reis - *Exclusão social - factores e tipos de pobreza em Portugal*, Oeiras, Celta, 1992, p. 1; Pierre Hiernaux - "Pauvreté et marginalisation en Europe - Realités communes, stratégies convergentes?", *Service Social dans le Monde*, vol. L, nº 1/2, 1992, pp. 3/17, p. 13; Antonios K. Papantoniou - "Chômage et pauvreté L'expérience de quatorze projects", *Service Social dans le Monde*, vol. L, nº 1/2, 1992, pp. 19/31, p.23, § 6/7 (embora este último só se refira ao desemprego).

Ruweu Ogien¹⁵ agrupou as principais críticas à teoria de Lewis (complementares à referida anteriormente) em dois tipos principais: o primeiro admite que os dados de Lewis são reais mas que as interpretações que retirou deles são discutíveis; no segundo tipo de críticas este autor agrupa as que têm em comum a consideração de que os dados recolhidos por Lewis são enfiados, não refletindo o real de uma forma adequada.

No primeiro tipo de críticas considera-se que os dados que Lewis recolheu podem ser interpretados sem a utilização do conceito de cultura da pobreza, sendo este um conceito inútil¹⁶, dado que as características desta teoria podem ser explicadas como adaptações à extrema escassez de recursos e a uma posição social inferior (socialmente desprestigiada) que os indivíduos indicados como fazendo parte da cultura da pobreza ocupam, e ao sentimento de impotência que têm¹⁷. Assim, a maioria dos traços da cultura da pobreza indicados por Lewis podem ser explicados como imposições das condições de vida dos indivíduos, o que é uma alternativa, mais simples, à sua explicação como criações culturais internas aos indivíduos¹⁸.

Ogien¹⁹ citando um outro autor, Leeds²⁰, indica que basta reverter a perspectiva de Lewis para ver os traços que este enumerou como um conjunto de respostas num sistema mais vasto (a sociedade e a cultura global). Os traços de desorganização social que Lewis enunciou contradizem observações dele mesmo, por exemplo, quando refere a existência de um sistema de crédito informal. Leeds, sempre segundo Ogien, dá outras interpretações a características que Lewis refere como sendo típicas da cultura da pobreza. Temos como exemplos o facto da sobrepopulação ser vista como uma resposta ao baixo nível

15 Ruweu Ogien - *Théories ordinaires de la pauvreté*. Paris, PUF, 1983, pp. 63/65.

16 Dean Harper no seu artigo: "Culture de la pauvreté: concept utile ou inutile?" ..., pp. 289/290, cujo próprio título é perfeitamente ilustrativo desta posição, indica-o claramente.

17 Jean Labbens, *ob. cit.*, p. 12, §2.

18 Valentine, *ob. cit.*, pp. 113/117.

19 Ruweu Ogien, 1978, *ob. cit.*, pp. 307/308.

20 A. Leeds - "The concept of the culture of Poverty: conceptual logical and empirical problems with perspectives from Brazil and Peru" in E. B. Leacock (ed.) - *The culture of poverty: a critique*, New York, Simon & Shuster, 1971.

de recursos (um rendimento limitado obriga os filhos casados, os cônjuges destes e seus descendentes a continuar a residir na casa dos pais); a não pertença a instituições é resultado da exclusão social (e da consciência resignada dessa exclusão) e não de desinteresse ou de apatia típica culturalmente transmitida, e a própria resignação resulta da consciência dos obstáculos intransponíveis que as condições objectivas de existência impõem aos indivíduos sem recursos (materiais, mas também culturais, sociais e simbólicos). O próprio Ogien considera²¹ que é tão possível retirar das biografias apresentadas por Lewis uma impressão geral de vontade de vencer como foi possível retirar uma ideia geral de resignação e entrega intransponíveis.

Em relação ao segundo tipo de críticas, Ogien refere que os dados de Lewis foram muitas vezes recolhidos em entrevistas gravadas no "escritório" por ele alugado na Cidade do México para servir de base aos seus trabalhos sobre a família Sánchez (para citar um exemplo), não sendo esta a melhor aproximação aos indivíduos em questão.

Com efeito, os resultados obtidos registaram as reacções típicas que os designados pobres têm quando se dirigem a indivíduos que possuem uma posição importante (como é o caso de Lewis)²².

O enriquecimento dos dados sobre os pobres é muitas vezes uma realidade, pois são, frequentemente, recolhidos pela polícia, pelos tribunais, pelos recenseadores e pelos trabalhadores sociais que mantêm com os pobres uma relação assimétrica de poder.

Aquilo que o indivíduo pobre disser pode ter forte influência no seu futuro e, até mesmo, na sua sobrevivência social. Assim, não nos podemos admirar destas fontes conterem, não a posição dos pobres, mas a posição que os pobres pensam que melhor defende os seus interesses perante as entidades com que interagem²³ (o que está em jogo pode ser um emprego, um alojamento, ou um subsídio em dinheiro ou em géneros).

21 Ruweu Ogien. 1978. *ob. cit.*, p. 306, §3.

22 Ruweu Ogien. 1983. *ob. cit.*, pp. 66/67.

23 Ruweu Ogien. 1978. *ob. cit.*, p. 298 e Charles Valentine, *ob. cit.*

Ainda dentro deste segundo grupo de críticas, Valentine refere que Lewis realiza generalizações abusivas pois parte dos seus estudos de caso (que implicam um número extremamente limitado de indivíduos e nenhuma representatividade estatística). Para estes autores Lewis não soube precaver-se contra as possibilidades de enriquecimento das fontes referidas e, por isso, os seus dados não são dignos de confiança, o que implica, desde logo, que o mesmo se passe em relação às conclusões a que chegou.

Outras críticas

Outras críticas são as que se prendem com a universalidade da cultura da pobreza, com a ausência de aspectos da socialização secundária, com a visão etnocêntrica de classe média, e com a existência de organizações entre os pobres para além da família.

Estudos efectuados por toda a Europa²⁴ (incluindo Portugal) têm chegado à conclusão de que falar na universalidade da cultura da pobreza é abusivo, dado que existem, dentro do grupo dos pobres²⁵, vários estilos de vida²⁶, o que implica a existência de várias formas de actuação por parte dos indivíduos considerados homoganeamente

24 Dean Harper, *ob. cit.*, p. 424, §2; João Ferreira de Almeida, 1992, *ob. cit.*, pp. 9/10; Luís Capucha - "Associativismo e modos de vida", *Sociologia - Problemas e Práticas*, nº 8, 1990, pp. 29/41, pp. 35/36 e Else Øyen - "Sobre la pobreza", *Revista Internacional de Ciencias Sociales*, nº 134, Dec\1992, pp. 647/660, p. 655, §6.

25 As discussões à volta dos critérios para considerar ou não um indivíduo como pobre, por causa dos problemas metodológicos envolvidos, são, em si, suficientemente complexas para justificar um artigo. O leitor que se pretenda informar melhor poderá consultar os seguintes artigos: Paul Glewwe e Jacques van der Gaag - *Confronting poverty in developing countries: definitions, information and policies*, Washington, World Bank, 1989 (imp.), p. 2; Nicolas Binet - "Géographie de la pauvreté", *Urba*, nº 216, Nov. 1986, pp. 53/55, p. 53, col. 2, §5 e Peter Townsend - *The International Analysis of Poverty*, Hemel Hempstead (Inglaterra), Harvester Wheatsheaf, 1993, pp. 34 e 86.

26 É o sistema de preferências distintas que caracterizam as práticas de uma classe ou fracção de classe (cf. Alain Accardo - *Initiation à la sociologie: L'illusionnisme social: Une lecture de Bourdieu*, Bourdeux, Le Mascaret, 1991 (ed. reformulada, 1ª ed. 1983), p. 97 e Pierre Bourdieu - *La distinction: La critique social du jugement*, Paris, Minuit, 1979, p. 193.

como pobres²⁷. Sobre este assunto é ainda importante referir que a eventual dimensão internacional dos estilos de vida da pobreza não foi sujeita a nenhum trabalho, no sentido de verificar se existe ou não.

Uma das pedras basilares desta teoria é a socialização primária que familiares e vizinhos realizam com as crianças. No entanto, Lewis parece esquecer-se que à socialização primária se seguem várias socializações secundárias que podem levar à alteração do estilo de vida dos indivíduos²⁸.

A visão que ressalta do trabalho de Lewis é acusada de estar imbuída de uma espécie de "etnocentrismo de classe média". Por outras palavras, o autor é acusado de cair na tendência de dicotomização do tipo positivo/negativo em que as características positivas dizem respeito aos valores da classe média e as negativas são associadas à própria visão que o autor tem das classes populares. Assim, traços da cultura da pobreza como a resignação, a apatia, o fatalismo, a violência ou o sentimento de falhanço não são mais do que a projecção das valorações do autor na reconstrução dos dados²⁹.

Uma crítica derivada da anterior é a de que a desorganização social, existente para além da família, que Lewis encontrou nos indivíduos que considerou portadores da cultura da pobreza, não se confirma na realidade. Valentine³⁰ indica-nos que outros investigadores encontraram estruturas comunitárias bem definidas e o próprio Lewis descreve um sistema de crédito informal e esquemas de interajuda entre vizinhos que podem ser enquadrados neste tipo de instituições.

A focalização dos interesses de Lewis na família e nos seus membros levou-o a não prestar a devida atenção à organização social existente a nível comunitário (nos sujeitos dos seus estudos).

27 Uma conclusão importante que se deve retirar desta constatação é a de que as respostas uniformes das instituições (estatais e particulares) às necessidades dos pobres podem não estar adequadas ao tipo específico de pobres com que se está a lidar numa dada situação e, por isso, não estarem a ser eficientes e eficazes.

28 Ruweu Ogien, 1978, *ob. cit.*, p. 291.

29 Ruweu Ogien, 1978, *ob. cit.*, p. 300 e Charles Valentine, *ob. cit.*, p. 67, §3.

30 Charles Valentine, *ob. cit.*, p. 56, §1.

Conclusão

O que é que se deve reter da teoria da cultura da pobreza

A teoria da cultura da pobreza de Oscar Lewis é, para as ciências sociais, uma teoria ultrapassada e, como tal, tem um interesse científico muito relativo no momento presente. Apesar disso, não devemos retirar-lhe alguns méritos. Em primeiro lugar, o de ter sido uma tentativa coerente de perceber o que é a pobreza e de que forma esta afecta os indivíduos que a sofrem³¹. Em segundo lugar, esta teoria contribuiu, no seu tempo, para o avanço das investigações sobre a pobreza e inspirou muitas delas. Em terceiro lugar, deixou-nos, através das suas proposições e das críticas que lhe foram feitas, uma herança de conhecimentos preciosos sobre a pobreza, que investigações posteriores têm vindo a alargar.

Em relação aos conhecimentos que nos deixou, esta teoria tem o mérito de ter focado a atenção na interiorização subjectiva das estruturas objectivas cristalizadas pelos indivíduos sob a forma de estilos de vida adequados às condições de existência de que resultaram. Tem o demérito de desviar a atenção dos aspectos da exclusão social, promovida activa e, quase sempre, subconscientemente, pelos indivíduos pertencentes a outros agrupamentos sociais e pelas próprias instituições. É um demérito tanto mais grave quanto é sabido que é sobretudo nos aspectos da exclusão social que radicam as principais causas e explicações da pobreza. A ausência de aspectos estruturais na teoria de Lewis contribuiu, por contraponto, para chamar a atenção para a importância que estes têm na compreensão do fenómeno social que é a pobreza.

A versão de senso comum da teoria de Lewis, ao centrar as culpas da pobreza nos pobres, descansa as consciências e constitui-se como um obstáculo à produção de conhecimento científico sobre este problema.

31 O que é o primeiro, e imprescindível, passo para a implementação de medidas que visem resolver a pobreza, enquanto problema social.

Das críticas acima expostas, algumas resultam mais da preocupação dos vários autores em combater o enraizamento da versão de senso comum do que da necessidade de criticar uma teoria que já teve um lugar importante nas investigações sobre o tema da pobreza, mas há já algum tempo que deixou de o ter.

Parte das críticas feitas a Lewis carecem, por isso, de fundamento. Por exemplo, quando se critica Lewis por não se preocupar com a socialização secundária, o que em si é correcto, esquece-se de referir que a socialização primária é mais estruturante para a personalidade sócio-cultural do indivíduo que a secundária (por isso, esta tem uma probabilidade menor de alterar as representações, o habitus ou o estilo de vida de cada indivíduo). Também se esquece que o indivíduo pobre tem uma maior probabilidade de reforçar, através da socialização secundária, o habitus inculcado na socialização primária, do que contrariá-la (poder-se-ia usar, por exemplo, o conceito de "adesão antecipada ao destino objectivo", de Pierre Bourdieu), dado que as restrições materiais e sociais a que está sujeito lhe permitem poucas opções, em termos de forma de viver.

A ideia principal a retirar desta teoria é a de que os pobres interiorizam as adaptações que têm de fazer às condições de vida que a sua escassez de recursos (económicos, sociais, culturais e simbólicos) lhes impõem, criando estilos de vida com particularidades próprias, que são transmitidos de geração em geração, apresentando a propriedade de serem relativamente resistentes à mudança (o que é uma consequência de terem sido incorporados pelos indivíduos).

Assim sendo, para compreendermos a pobreza, devemos partir das estruturas sociais objectivas, dos constrangimentos macro sociais e macro económicos, para a interiorização que os indivíduos fazem deles através da vida quotidiana (cristalizando-os em representações sociais, formas de ver o mundo e valores) para, finalmente, terminar na exteriorização do interiorizado, concretizada nos comportamentos e opiniões do dia-a-dia.

BIBLIOGRAFIA

- ACCARDO, Alain - *Initiation à la sociologie: L'illusionnisme social: Une lecture de Bourdieu*, Bourdeux, Le Mascaret, 1991 (ed. reformulada, 1ª ed. 1983).
- ALMEIDA, João Ferreira de; CAPUCHA, Luís; COSTA, António Firmino da; MACHADO, Fernando Luís; NICOLAU, Isabel e REIS, Elisabeth - *Exclusão social - factores e tipos de pobreza em Portugal*, Oeiras, Celta, 1992.
- BINET, Nicolas - "Géographie de la pauvreté", *Urba*, nº216, Nov. 1986, pp. 53/55.
- BOURDIEU, Pierre - *La distinction: La critique social du jugement*, Paris, Minuit, 1979.
- CAPUCHA, Luís - "Associativismo e modos de vida", *Sociologia - Problemas e Práticas*, nº 8, 1990, pp. 29/41
- COSTA, Alfredo Bruto da; SILVA, Manuela; PEREIRINHA, J.; MATOS, Madalena - *A pobreza em Portugal*, Lisboa, Cáritas, 1985.
- FRAIZER, Franklin - *The Negro Family in Chicago*, Chicago, University of Chicago Press, 1932, e *The free Negro family*, Nashville, Fisk University Press, 1932.
- GLEWWE, Paul e GAAG, Jacques van der - *Confronting poverty in developing countries: definitions, information and policies*, Washington, World Bank, 1989 (imp.).
- HARPER, Dean - "Culture de la pauvreté: concept utile ou inutile?" *Cahiers International de Sociologie*, vol. LIIV, 1972, pp. 289/295.
- HIERNAUX, Pierre - "Pauvreté et marginalisation en Europe - Realités communes, stratégies convergentes?", *Service Social dans le Monde*, vol. L, nº 1/2, 1992, pp. 3/17.
- LABBENS, Jean - *Sociologie de la pauvreté - Le tiers monde et le quart monde*, Paris, Gallimard, 1978.
- LEEDS, A. - "The concept of the culture of Poverty: conceptual logical and empirical problems with perspectives from Brazil and Peru" in E. B. Leacock (ed.) - *The culture of poverty: a critique*, New York, Simon & Shuster, 1971.

FERNANDO DIOGO

- LEWIS, Oscar - "Culture of poverty", *Scientific American*, n° 215, 4°, 1966, pp. 19/25.
- LEWIS, Oscar - *Five families: Mexican case studies in the culture of poverty*, New York, Basic Books, 1959.
- LEWIS, Oscar - *La Vida: A Puerto Rican family in the culture of poverty*, New York, Random House, 1966.
- LEWIS, Oscar - *Os Filhos de Sánchez*, Lisboa, Moraes, 1973.
- OGIEN, Ruweu - "Culture de la pauvreté: Oscar Lewis et sa critique", *Cahiers International de Sociologie*, vol. LXV, 1978.
- OGIEN, Ruweu - *Théories ordinaires de la pauvreté*, Paris, PUF, 1983, pp. 63/65.
- ØYEN, Else - "Sobre la pobreza", *Revista Internacional de Ciencias Sociales*, n° 134, Dec\1992, pp. 647/660.
- PAPANTONIOU, Antonios K. - "Chômage et pauvreté L'expérience de quatorze projects", *Service Social dans le Monde*, vol. L, n°1/2, 1992, pp. 19/31.
- SHLONSKY, Hagith R. - "Continuity in Poverty Along Family Lines: A Reexamination of the Intergerational Cycle of Poverty", *Human Relations*, Vol. 37, n° 6, 1984, pp. 455/472.
- SILVA, Manuela - *A pobreza infantil em Portugal*, s.l., Comité português para a UNICEF, 1991 (d.l.).
- TOWNSEND, Peter - *The International Analysis of Poverty*, Hemel Hempstead (Inglaterra), Harvester Wheatsheaf, 1993.
- VALENTINE, Charles A. - *Culture and Poverty: Critique and Counter-Proposal*, Chicago e London, University of Chicago Press, 1970/72 (1ª ed. 1968), p. 20, §2).